

Violência Doméstica e Transgeracionalidade: Um Estudo de Caso

Josiane Razera¹
Cláudia Mara Bosetto Cenci²
Denise Falcke³

Resumo

As consequências da violência doméstica tendem a atingir áreas significativas da vida de todos os envolvidos, como a carreira profissional, os vínculos familiares e sociais. O objetivo desta pesquisa foi compreender a experiência da violência doméstica conjugal vivenciada por uma mulher e as repercussões em sua vida. Para tal, realizou-se um estudo de caso de uma mulher, vítima de violência doméstica, abrigada em uma casa de apoio a mulheres. Os instrumentos utilizados foram uma ficha de dados sociodemográficos e uma entrevista semiestruturada. Procurou-se analisar a história de vida e do relacionamento conjugal da participante, avaliando aspectos transgeracionais, compreendendo como ela avalia o seu relacionamento conjugal e que repercussões da violência ela percebe em sua vida. Analisaram-se os dados obtidos descritiva e qualitativamente a partir da metodologia proposta pelo estudo de caso. Após a análise compreendeu-se que os modelos aprendidos nas interações vivenciadas na família de origem mostraram-se relevantes, na avaliação da paciente, para a manutenção de uma relação conjugal violenta, reforçando a perspectiva transgeracional da violência. Além disso, os resultados pontuam a necessidade de um olhar atento dos profissionais da saúde sobre a experiência de violência na infância, para que sejam pensadas intervenções que favoreçam o rompimento do ciclo transgeracional.

Palavras-chave: Transgeracionalidade; Relacionamento Íntimo; Violência Doméstica.

Domestic Violence and Transgenerationality: A Case Study

Abstract

The consequences of domestic violence tend to reach everyone involved, affecting significant areas of life, such as professional career, family and social bonds. The objective of this research was to comprehend a woman's experience of marital domestic violence and its repercussions on her life. The authors performed a case study on a woman who had been living at a support center due to her experience with domestic violence, using a sociodemographic questionnaire and a semi structured interview. The participant's life story and marital relationship were analyzed, investigating transgenerational aspects, understanding how she evaluated her own relationship and the repercussions of violence perceived in her life. According to the methodology of case studies, all collected data received quantitative and qualitative analysis. The results showed that models learned along interactions within the original families were relevant, according to the patient, to maintain a violent marital relationship, which reinforces the transgenerational perspective of violence. Furthermore, the results indicate the necessity of an attentive approach from health professionals, concerning experiences of violence during childhood, in order to develop interventions that propitiate the rupturing from transgenerational cycles.

Key-words: Transgenerationality; Intimate Relationship; Domestic Violence.

1 Psicóloga pela Faculdade Meridional – IMED. Mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS. Pós-graduanda em Dinâmicas das Relações Conjugais e Familiares pela Faculdade Meridional – IMED. E-mail: josianerazera@yahoo.com.br

2 Psicóloga pela Universidade de Passo Fundo – UPF. Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade e Doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica – PUCRS. Professora da Faculdade Meridional – IMED. E-mail: claudiamarab@yahoo.com.br

3 Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica – PUCRS. Mestrado em Psicologia Clínica e Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica – PUCRS. Coordenadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: dfalcke@yahoo.com.br

Estar presente em um contexto onde ocorrem situações de violência doméstica é uma experiência que costuma ter uma série de repercussões para os sujeitos envolvidos, atingindo diferentes dimensões de sua vida (Alves, Pinto, Silveira, Oliveira & Melo, 2012; Pinheiro, Crespaldi & Cruz, 2012). Nessas situações, não é apenas a pessoa agredida que sofre, mas todos os membros da família que convivem direta ou indiretamente com a violência (Bhona, Stephan, Brum & Lourenço, 2012).

A violência doméstica não pode ser entendida como se tivesse um único agente gerador, mas sim uma multiplicidade de diferentes fatores, como emocionais, biológicos, cognitivos, sociais, comportamentais e familiares. Com relação aos fatores familiares desencadeadores ou mantenedores da violência doméstica, destacam-se as questões relacionadas aos aspectos transgeracionais envolvidos na história de vida, no desenvolvimento individual e na subjetivação dos cônjuges envolvidos no ato violento (Silva, Valadares & Souza, 2013).

A violência conjugal é considerada um sério problema de ordem social, que passou a ser visualizada e estudada de maneira mais expressiva no Brasil a partir dos movimentos feministas. Porém, é somente nos tempos atuais que o tema está apresentando um crescimento no número de estudos acadêmicos, fazendo com que a sociedade fique mais atenta a complexidade que representa essa problemática. Em uma busca por publicações na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde – BVS e Scielo, localizaram-se apenas seis com o descritor violência doméstica no ano de 1990, já no ano de 2010, utilizando-se o mesmo descritor, foram visualizados duzentos e noventa e seis, sendo possível observar um crescimento maior de quatro mil por cento em relação ao número de publicações se compararmos os anos de 1990 e 2010.

Estudos sobre o fenômeno, tem se dedicado a identificação da prevalência de violência doméstica em diferentes contextos (Santos & Moré, 2011; Gadoni-Costa, Zucatti & Dell’Aglío, 2011), mas ainda são poucas as investigações que se dedicam a uma compreensão mais aprofundada sobre o fenômeno através de análises qualitativas. Buscando auxiliar no preenchimento dessa lacuna, neste artigo será apresentado um estudo de caso de uma mulher vítima de violência doméstica, abrigada na Casa de Apoio à Mulher Vítima de Violência Doméstica Maria da Penha. O objetivo desta pesquisa foi compreender a experiência da violência doméstica conjugal vivenciada por uma mulher, buscando avaliar aspectos relacionados à transgeracionalidade e as repercussões da violência em sua vida.

Violência doméstica

A violência é uma forma de expressão do comportamento que pode ser identificada ao longo de toda a história da humanidade e que pode se manifestar de diversas formas. Por esse motivo, o contexto social e histórico influencia diretamente na forma em que a violência se manifesta e na maneira como cada sujeito e/ou casal avaliam o seu relacionamento (Silva, Lima, Pontes, Bucher-Maluschke & Santos, 2011). Para Schraiber, d’Oliveira, Portella e Menicucci (2009), a ação violenta contempla formas cruéis de tortura e o próprio assassinato, até formas menos ostensivas de manifestação, como situações opressivas identificadas nas sociedades de hoje, que incluem as desigualdades sociais, culturais e de gênero. A violência doméstica, ainda sob a ótica das autoras Schraiber et al. (2009), envolve a violência cometida por pessoas próximas ou íntimas e que convivem no mesmo ambiente doméstico, podendo ocorrer entre parceiros, pais e filhos, entre outros. Esta agressão possui três formas principais de manifestação, que são: a física, a psicológica e a sexual.

A violência, na visão de Ramos e Oliveira (2008, p. 103), pressupõe dominação de um para com o outro, “coisificando-o”, nas palavras das autoras. Além disso, é uma forma clara de negar a alguém a possibilidade de viver com igualdade, liberdade e respeito.

A violência física é descrita por Fuentes, Leiva e Casado (2008) como a ação voluntária que provoca dano ou lesões físicas, geralmente através de empurrões, bofetadas e socos. A violência psicológica abrange xingamentos, humilhações e desvalorizações, sendo, muitas vezes, mais difícil da vítima suportar do que a física. Por sua vez, a violência sexual se refere ao sexo forçado, não se limitando à penetração vaginal ou anal, mas também ao sexo oral ou uso de objetos.

Muitas consequências são atribuídas ao contexto de violência, sendo que as mulheres que sofrem violência doméstica perpetrada pelo parceiro geralmente apresentam sentimentos de insegurança e desamparo, retraimento social, autoimagem negativa, bem como sentimentos de desvalorização. Possuem, muitas vezes, expectativas irreais de proteção, de afeto e de estabilidade no casamento, esperança de que o companheiro mude as atitudes e passe a favorecer uma relação melhor (Brasil, 2001).

A violência que se expressa na conjugalidade é compreendida por Falcke, Oliveira, Rosa e Bentancur (2009) como um processo cíclico, progressivo e relacional. Em seu artigo, as autoras citam os estudos de Walker (1999; 1979 apud Falcke et al.), que visualiza o ciclo da violência doméstica em três fases. São elas: I) Construção da Tensão: esta fase é onde iniciam pequenos incidentes, são considerados racionalmente e acreditam que a situação ainda está sob controle; II) Tensão Máxima: nesta fase, ocorre a perda do controle sobre a situação, sendo as agressões levadas ao extremo; III) Lua de mel: fase de reestruturação do relacionamento, desejo de mudança, arrependimento e promessas de que nunca mais se repetirá.

Barreto, Bucher-Maluschke, Almeida e De Souza (2009) relacionam as características cognitivas, emocionais, biológicas e comportamentais do sujeito em seu ciclo de vida como fatores que influenciam na dinâmica em que ocorrem suas relações interpessoais, podendo ser facilitadoras da violência no casal. Com isso, sabe-se que não existem determinantes que expliquem de forma estanque a violência doméstica feminina sofrida por parceiros íntimos, pois o fenômeno ocorre a partir de uma multiplicidade de fatores, inclusive os familiares, que também influenciarão na ruptura ou manutenção do relacionamento.

Transgeracionalidade e conjugalidade

Nos últimos anos, os estudos evidenciaram a importância de olhar para o sujeito a partir do que recebeu das gerações anteriores e compreender, acima de tudo, a repercussão das questões vinculadas à transgeracionalidade e à intergeracionalidade. Maluschke-Bucher (2008) salienta que o conjunto de heranças certamente contribuirá para a formação da identidade do sujeito. O autor acentua o fato de que o sujeito é portador de muitas heranças familiares, mas também de heranças que recebe de outras esferas, como a social, econômica e cultural, próprias do contexto de inserção de sua família. Para contribuir com o estudo das relações familiares, a teoria sistêmica auxilia na compreensão do sujeito de forma mais abrangente, pois, como explanam Muniz e Eisenstein (2009), não é possível analisar o indivíduo e as dificuldades que o afetam sem considerar o seu sistema, visto que o ser humano está sempre em interdependência com o meio em que está envolvido.

Nesse sentido, Silva, Menezes e Lopes (2010) ressaltam a importância dos aspectos relacionados à transgeracionalidade, existindo certa influência dos modelos transmitidos pelas famílias de origem na busca por similaridade ou por complementaridade, na motivação pela escolha do parceiro(a). As autoras supracitadas estudaram as semelhanças físicas existentes entre um dos cônjuges e a figura parental do sexo oposto. Além disso, o relacionamento dos pais é algo que pode ser seguido pelos filhos ou também um modelo de relacionamento que desejam evitar, de qualquer forma, essas motivações influenciarão significativamente na ocasião da escolha conjugal.

Na família, cada sujeito assume determinado papel, que é estabelecido por ordem de nascimento, idade, sexo e características de personalidade, sendo que a educação que é recebida pelo indivíduo é muito importante, uma vez que as regras, conceitos de moralidade e ética e exemplos de comportamentos dos pais contribuem significativamente para a formação da personalidade (Magalhães, 2008). Seguindo esse raciocínio, Barreto et al. (2009) referem que é necessário compreender a violência em seu nascimento e desenvolvimento histórico, pois ela não ocorre por acaso, também sendo aprendida através da transmissão geracional.

Seria como se existisse uma reprodução do modelo de educação que foi recebido dos pais na infância, ou também uma “perpetuação transgeracional do ciclo da violência” (Ramos & Oliveira, 2008, p. 109). O que traz como resultando, muitas vezes, a utilização da violência como o método mais usado para a resolução dos conflitos.

Método

O presente artigo teve como objetivo compreender a experiência da violência doméstica conjugal vivenciada por uma mulher e as repercussões em sua vida, buscando avaliar aspectos da transgeracionalidade e analisar como ela avalia o seu relacionamento conjugal. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como base o estudo de caso de uma mulher vítima de violência doméstica perpetrada por parceiro íntimo. O estudo de caso, conforme Martins (2006) permite uma percepção da realidade a partir dos ensinamentos advindos do referencial teórico e das características próprias do caso a ser estudado. A pesquisa seguiu todos os procedimentos éticos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Meridional – IMED, através do protocolo número 32/2011.

A participante deste estudo será identificada como Parola, nome fictício atribuído porque na língua estrangeira italiana significa Palavra e observou-se, através dos estudos realizados, que as palavras deram sentido ao seu sofrimento físico e psíquico vivenciado até então. Ela foi vítima de violência psicológica perpetrada por parceiro íntimo sofrida através de humilhações, xingamentos e desvalorizações, além de violência física, como empurrões e puxões de cabelo.

Como instrumento para coleta dos dados foi utilizada uma ficha de dados pessoais e sociodemográficos para caracterizar o perfil da participante e uma entrevista semiestruturada, que procurou focar em questões relacionadas à percepção sobre seu relacionamento íntimo, a respeito do casamento dos pais e também sobre a manifestação da violência em sua família de origem e seu relacionamento conjugal. A participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e posteriormente os instrumentos foram aplicados em um encontro de aproximadamente duas horas, que ocorreu em uma Casa de Apoio à Mulher Vítima de Violência Doméstica.

Os dados obtidos foram analisados descritiva e qualitativamente, tendo como base o estudo de caso, sendo que sua análise de dados está presente ao longo dos vários estágios da pesquisa, como entrevistas, organização de rascunhos, registros, transcrições etc. Além disso, o estudo de caso pode ser revelador de uma situação complexa da vida real, oferecendo descrições e interpretações que chamam a atenção pela singularidade do caso estudado (Martins, 2006).

Apresentação e Discussão dos Resultados

Relacionamento familiar

Parola (pseudônimo) tem 21 anos e trabalhava como auxiliar de limpeza, mas, no período em que foi realizado o estudo estava afastada do trabalho. Seus pais e três irmãos moram em outra cidade e quase não mantêm contato. Ela referiu que o período que morou com os pais foi bastante conturbado, com vivências diárias de violência e que, atualmente, ela não tem ninguém para ajudá-la. No decorrer de sua infância e adolescência, presenciou muitas cenas de violência física, mas, principalmente, violência psicológica na relação de seus pais e que se estendia para os filhos. Ela relatou que no relacionamento conjugal dos pais havia muita briga, que o pai bebia e quando chegava em casa batia nela e nos irmãos. Parola disse *“nós éramos criançinha, chamava minha mãe de tudo quanto era nome, chamava de china (termo utilizado como sinônimo de prostituta), de vagabunda, [...] dizem que ele ia atrás de outras mulheres”*.

A maneira disfuncional do casal se relacionar proporcionou a Parola um modelo equivocadamente para a resolução de conflitos. Como comentam d'Oliveira, Schraiber, Hanada e Durand (2009), as experiências na família de origem apresentam consistente associação com a violência doméstica e testemunhar as agressões contra a mãe e sofrer violência física cometida pelos pais aumentam o risco de ocorrer violência doméstica também na vida adulta. No caso de Parola, através de suas falas, ficou evidente a violência física e psicológica vivenciada nas suas relações familiares e o padrão de comportamento aprendido, internalizado e repetido na sua relação conjugal, pois relata e reconhece que também agiu de forma violenta em sua relação.

A família é provedora do sustento biológico, físico e emocional, é a instância que tem maior responsabilidade sobre a formação do sujeito, tornando-o apto a conviver com outras pessoas, com a sociedade e até mesmo para

constituir uma nova família. Faz parte de todo esse processo a comunicação verbal e não verbal, pois é através dela que a família pode acionar o sujeito emocionalmente, ditar regras e, inclusive, internalizar os seus conceitos e legados. Na análise do caso de Parola, percebeu-se que a desvalorização feminina, a repetição dos padrões de comportamento violento e o mito familiar de que o homem tem mais poder que a mulher está presente em sua constituição como sujeito e como gênero feminino. Parola foi desprezada e desqualificada como mulher em muitos momentos, essas ações deram força para que ela seguisse o legado familiar, uma vez que repete padrões de comportamento violento, buscando escolhas amorosas que lhe façam sofrer ou que a desqualifiquem.

Relacionamento Conjugal

Parola e o ex-companheiro conheceram-se através de uma amiga, namoraram durante três meses e, em seguida, resolveram morar juntos. O casal ficou junto por dois anos, porém, neste período ocorreram vários episódios de violência doméstica, tanto física quando refere os puxões de cabelos e empurrões, quanto psicológica que deram-se principalmente pelos xingamentos e humilhações, além de relatar ter sentido-se abandonada e pouco valorizada pelo marido em muitos momentos.

Esta forma de interação conjugal corroborou com seus sentimentos de inutilidade e, possivelmente, contribuiu para episódios de depressão que ela relatou ter passado. Parola comenta que no passado teve depressão, o que teria colaborado para que tivesse sucessivas tentativas de suicídio como meio de cessar seu sofrimento.

Parola reconhece a influência do relacionamento conjugal de seus pais em sua vida e tem consciência da repetição da violência. Ela relata que: *“influenciou pelas coisas que eles me diziam, que eu virei uma pessoa estressada, uma pessoa com raiva de todo mundo, eu era muito desconfiada, era só medo, insegurança, [...] era só xingamento”*.

A influência da transgeracionalidade pode ser visualizada através da pergunta feita para Parola com relação a sua percepção entre as particularidades e semelhanças do seu relacionamento íntimo com o de seus pais. Ela observou que as relações são parecidas: *“o que o meu pai fazia com a minha mãe, eu fiz com o meu ex-marido, eu xingava, brigava, porque ele não queria me escutar, um casal tem que sentar e conversar, ele não fazia isso, debochava quando eu falava alguma coisa”* [...]. Parola demonstrou que espera proteção, amor e carinho de um relacionamento afetivo. Entende-se que, pela criação conflituosa vivenciada no contexto familiar e pela escassez de carinho e atenção, ela desenvolveu uma demanda maior por tais sentimentos, a qual, de acordo com sua fala e percepção, não foi preenchida pela família e não estava sendo atendida pelo ex-companheiro. Nessa situação, ela assume a posição tanto de vítima como de agressora, pois se identifica com o pai como autora da violência contra o companheiro, o que permite avaliar a relação violenta como interacional e mútua. Embora isso, neste estudo a participante foi referida como vítima, pois se deve ao fato de ter sido localizada em uma instituição que acolhe e nomeia essas mulheres como vítimas de violência doméstica.

A interface entre a violência familiar e conjugal

Parola comentou sobre sua relação com o pai, primeiramente, nomeando-o como *“marido da minha mãe”*. Ela acredita que ele agia de forma agressiva por ter passado por inúmeras brigas com o próprio pai, pautadas em intensas agressões verbais. Relatou que os desentendimentos e brigas estão presentes na sua família há mais de uma geração: *“[...] aí ele começava me xingar, lixo, vagabunda, e não sei o que [...] começava tudo errado, tudo desse jeito, me torturava psicologicamente, uma forma totalmente errada de punir [...]”*. Tais atitudes, permitiu que Parola aprendesse com seus pais o ciclo da violência. Os desentendimentos e agressões com o marido aconteciam, muitas vezes, porque ao tentar se aproximar em busca de afeto ela o agredia física ou verbalmente: *“às vezes era por carinho eu começava empurrar ele [...] com os meus pés e daí ele me batia. Um dia ele me bateu aí eu disse que eu só queria ele perto de mim e ele me abraçou e foi isso, foi assim”*. Identifica-se a violência entendida como uma forma de chamar a atenção para si, podendo-se pensar o quanto os fenômenos violentos vivenciados em etapas precoces do desenvolvimento podem ser naturalizados ou mesmo ter o seu sentido distorcido, transformando-se em alguns casos uma forma de manifestação por atenção.

Os últimos dias que Parola morou com o marido antes de ser agredida fisicamente foram, de acordo com ela, muito desgastantes, pois diz ter passado fome, abandonado o emprego por não ter como comer e nem como lavar o uniforme e que a luz de sua casa foi desligada. Foi um período de inúmeras humilhações mútuas, como se percebe na fala a seguir: *“mas sempre deboche, o sexo era ruim, não tinha beijo, não tinha carinho nada [...] ele lembrava das palavras que eu tinha falado ainda, que eu chamei ele de vagabundo, [...]”*

Parola repete xingamentos que foram feitos contra ela, pois aprendeu que é desta maneira que se resolvem conflitos. Ficou evidente seu sofrimento quando foi agredida verbalmente pelo marido com os mesmos xingamentos que ouvia o pai agredir sua mãe. Ela diz: *“[...] eu só lembro do episódio da chave que eu joguei no chão que daí eles me juntaram pelos cabelos, eu senti uns puxões, físico eu não lembro porque eu acho que físico nunca me doeu, o que fica são as palavras [...] ele se quisesse me agredir de novo, que agrida, que faça e aconteça, mas o pior são palavras mesmo, [...] só que o que machuca são as palavras [...]”*.

A naturalização que pode ocorrer em casos de violência doméstica é um fator de preocupação, sabe-se que a violência psicológica, geralmente, é avassaladora, mas a violência física, ou qualquer outra, não pode ser desconsiderada, visto que tais problemas, para Macy, Giattina, Paróquia e Crosby (2010), podem comprometer seriamente a saúde e o bem-estar do sujeito. Em parâmetros gerais, Parola apresenta características de uma perturbação psicológica, significativamente relacionado aos aspectos transgeracionais da violência que são revividos em sua conjugalidade. Para Gomes, et al. (2012) a violência, além das manifestações visíveis, pode trazer sérias consequências mentais, como ansiedade, depressão, desconfiança e outros problemas relacionados a saúde da mulher. A perda de interesse pelas atividades diárias também costuma aparecer em casos semelhantes ao de Parola.

No último desentendimento com o ex-companheiro, Parola foi agredida física e psicologicamente por ele, pela sogra e pela cunhada. Para ela, o fato de ter sido agredida por mais pessoas e a lembrança da palavra, da cena já vivenciada na infância e adolescência violenta, marcaram o estopim de mudanças que fizeram com que ela saísse do ciclo de violência em que

estava envolvida. Por se sentir desamparada, resolveu registrar a ocorrência na Delegacia da Mulher, pois acredita que não pode contar com o apoio da família e/ou amigos. Ela foi encaminhada à Casa de Apoio à Mulher Vítima de Violência Doméstica como uma medida protetiva, evitando que algum dos agressores voltasse a procurá-la.

Considerações finais

A complexidade do ser humano e do fenômeno da violência exige dos profissionais um olhar amplo para compreendê-los. Com foco no caso da participante aqui estudada, entende-se que a violência doméstica não pode ser vinculada a uma causa apenas, mas, sim, à uma multiplicidade de fatores. A multifatorialidade abrange uma gama extensa de indicadores para a compreensão do comportamento violento ou permanência em uma relação de violência e, dentre os fatores biológicos, genéticos, sociais e culturais, destacam-se os aspectos relacionados com a transgeracionalidade. As vivências e modelos aprendidos pelo sujeito, sejam bons ou ruins, tendem a se repetir em outros relacionamentos. Com base nisso, é importante o olhar para a família como provedora de sustento emocional, dando embasamento para a constituição psíquica do sujeito.

A constatação do grau de influência exercida pela família deu-se pela análise realizada da transgeracionalidade, com isso, foram encontrados aspectos de repetição de agressividade e a violência como um legado da família. Relatos da entrevista mostram que as marcas da violência não podem ser apagadas da história de Parola, afetando diferentes áreas da vida dela, pois possui dificuldade em manter relacionamentos interpessoais, profissionais e amorosos funcionais e duradouros.

Embora a violência não seja considerada diretamente uma doença, tem a capacidade de provocá-la, como se observou, no caso de Parola, que as consecutivas agressões contribuíram para que ela se tornasse uma pessoa deprimida e com dificuldades para gerir ações básicas de sua vida. Além disso, o aspecto mais saliente deste estudo foi observar a magnitude do sofrimento psíquico que a violência psicológica gerou nela, colocando as agressões físicas em segundo plano na sua escala de sofrimento. Para Parola, ter se deparado com o fracasso conjugal foi dar sentido à desvalorização que os pais faziam sobre si quando diziam que ela viveria rolando e que não encontraria ninguém na vida.

Referências Bibliográficas

- Alves, R. A., Pinto, L. M. N., Silveira, A. M., Oliveira, G. L., & Melo, E. M. (2012). Homens, vítimas e autores de violência: a corrosão do espaço público e a perda da condição humana. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 16 (43), p. 871-883.
- Barreto, A. C., Bucher-Maluschke, J. S. N. F., Almeida, P. C. & DeSouza, E. (2009). Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online], 22 (1), p. 86-92.
- Bhona, F. M. C., Stephan, F., Brum, C. R. S. & Lourenço, L. M. (2012). Violência Doméstica e Adolescência: Levantamento Bibliométrico. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia* [online], 5 (1), p. 165-183.
- Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. (2001). *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Políticas de Saúde.
- d'Oliveira, A. F. P. L., Schraiber, L. B., Hanada, H. & Durand, J. (2009). Atenção integral à saúde de mulheres em situação de violência de gênero: uma alternativa para a atenção primária em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], 14 (4), p. 1037-1050.
- Falcke, D., Oliveira, D. Z., Rosa, L. W. & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos* [online], 2 (2), p. 81-90.
- Fuentes, J. M. D., Leiva, P. G. & Casado, I. C. (2008). Violencia contra las mujeres en el ámbito doméstico: consecuencias sobre la salud psicossocial. *Anales de Psicología* [online], 24 (1), p. 115-120.
- Gadoni-Costa, L. M., Zucatti, A. P. N. & Dell'Aglio, D. D. (2011). Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. *Estudos de Psicologia* (Campinas) [online], 28 (2), p. 219-227.

- Gomes, N. P., Garcia, T. C. S., Conceição, C. da R., Sampaio, P. de O., Almeida, V. de C., & Paixão, G. P. do N. (2012). Violência conjugal: elementos que favorecem o reconhecimento do agravo. *Saúde em Debate* [online], 36 (95), 514-522.
- Macy, R., Giattina, M. C., Paróquia, S. L. & Crosby, C. (2010). Domestic violence and sexual assault services historical concerns and contemporary challenges. *Journal of Interpersonal Violence* [online], 25 (1), p. 3-32.
- Magalhães, M. O. (2008). Relação entre ordem de nascimento e interesses vocacionais. *Estudos de Psicologia* (Campinas) [online], v. 25 (2), p. 203-210.
- Maluschke-Bucher, J. S. N. F. (2008). Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In: Penso, M. A. & Costa, L. F. (Org.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus.
- Martins, G. A. (2006). *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Muniz, J. R. & Eisenstein, E. (2009). Genograma: informações sobre família na (in)formação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica* [online], 33 (1), p. 72-79.
- Pinheiro, I. R., Crespaldi, M. A. & Cruz, R. M. (2012). Entendeu ou quer que eu desenhe? Transições familiares através da visão sistêmica. *Fractal: Revista Psicologia* [online], 24(1), p. 175-192.
- Ramos, M. E. C. & Oliveira, K. D. (2008). Transgeracionalidade percebida nos casos maus-tratos. In: Penso, M. A. & Costa, L. F. (Org.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus.
- Santos, A. C. W. & Moré, C. L. O. O. (2011). Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online], 31 (2), p. 220-235.
- Schraiber, L. B., d'Oliveira, A. F. P. L., Portella, A. P. & Menicucci, E. (2009). Violência de gênero no campo da saúde coletiva: conquistas e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], 14 (4), p. 1019-1027.
- Silva, I. M., Menezes, C. C & Lopes, R. C. S. (2010). Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia*, (Campinas) [online], 27 (3), p. 383-391.
- Silva, J. G., Valadares, F. C. & Souza, E. R. (2013). O desafio de compreender a consequência fatal da violência em dois municípios brasileiros. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online], 17 (46), p. 535-548.
- Silva, S. S. da C., Lima, L. C., Pontes, F. A. R., Bucher-Maluschke, J. S. N. F. & Santos, T. M. dos. (2011). Qualidade Conjugal: Estudo de Caso de Ribeirinhos na Amazônia. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, [online], 4 (1), p. 50-59.

<i>Recebido em:</i>	17/10/2013
<i>Enviado para análise em:</i>	24/10/2013
<i>Texto revisado pelos autores em:</i>	09/03/2014
<i>Aprovado em:</i>	11/03/2014
<i>Editor responsável:</i>	Vinícius Renato Thomé Ferreira